

## **FATOS, MITOS E CRENÇAS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS NAS ESCOLAS PÚBLICAS EM MATO GROSSO DO SUL**

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)*  
[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

### **1. Introdução**

#### **1.1. “O ensino nas escolas públicas brasileiras está em crise”. Fato ou mito?**

Muitos são as notícias, os comentários e os exemplos sobre a deficiência do ensino público no Brasil, nos jornais do estado do Mato Grosso do Sul, contexto desta pesquisa.

Em artigo publicado em 2011, no “Gira Solidário”, uma agência de notícias do Mato Grosso do Sul, especializada em direitos da criança e do adolescente, Mário Henrique Quim, egresso de escola pública comenta sobre as péssimas notas alcançadas pelos estudantes da rede pública no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e sobre, segundo ele, “o desprendimento de diversos professores que, devido a diversos fatores, como péssimas condições de trabalho, não estão preocupados em ensinar”. Mário questiona a disparidade existente entre as escolas públicas e particulares, alertando que é necessário se fazer cumprir o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no que diz respeito ao dever da sociedade e do governo, assegurar a efetivação dos direitos a uma educação de qualidade para todos.

Em artigo publicado no *Correio do Estado*, em 2011, intitulado “Ensino médio no país está em crise”, a diretora-executiva do movimento Todos pela Educação, Priscila Cruz, classificou o desempenho das escolas de ensino médio no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), “uma verdadeira crise do modelo de ensino atual”.

O IDEB é uma avaliação criada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2007, com dados contabilizados a partir de 2005 e leva em conta dois fatores que interferem na qualidade da educação, tais como, o rendimento escolar (aprovação, reprovação e abandono) e as médias de desempenho nas avaliações da pasta (Prova Brasil e SAEB). O IDEB avalia o conhecimento dos alunos em língua portuguesa e matemática no final dos ciclos do ensino fundamental, de 4ª série (5º ano) e 8ª série (9º ano), e no terceiro ano do

ensino médio.

Ainda, de acordo com Cruz, existe no Brasil,

uma crise por duas razões: primeiro porque esta etapa acaba recebendo o acúmulo das deficiências das anteriores, ou seja, o aluno chega com muitas lacunas de aprendizagem; em segundo lugar, ocorre um problema de estrutura. Temos um ensino médio com 14 disciplinas obrigatórias, não se consegue aprofundar em tema nenhum, a fragmentação é enorme.

Segundo ela, soma-se a esses fatores o desinteresse de boa parte dos estudantes nessa etapa e a falta de professores para todas as disciplinas, principalmente nas áreas de exatas. A diretora defende ainda que a média nacional – de 3,7 pontos – também é preocupante já que representa um avanço de apenas 0,1 pontos em relação ao último levantamento, de 2009. "O retrocesso de uma edição para outra é um absurdo, mas também não deveríamos ter essa estagnação. Estar estagnado é regredir porque o nosso ensino é muito ruim, então, o mínimo esperado seria avançar".

## **1.2. “É impossível aprender inglês nas escolas da rede pública”. Fato ou mito?**

Essa dúvida vem assombrando professores, alunos e pais há anos e o aumento da desconfiança sobre a qualidade do ensino público de língua inglesa, nos níveis fundamental e médio, assume uma relação proporcionalmente direta à certeza sobre a necessidade de se dominar esse idioma.

O artigo publicado no jornal *Correio do Estado*, no dia 26 de abril de 2011, intitulado “Aprender inglês se torna cada vez mais necessário no Brasil” alerta que apesar de estarmos vivendo um momento econômico favorável, proporcionado pelos investimentos que “inundam nosso mercado de dólares”, pela copa e as olimpíadas, nós, brasileiros só seremos capaz de mudar o nosso status no mundo e soubermos nos comunicar, entendendo e nos fazendo entender, em inglês, realidade que “hoje parece bem distante”. Segundo o artigo, algumas razões para essa deficiência são: a baixa qualidade do ensino na rede pública, a escassez de professores qualificados e o fato de o inglês não ser disciplina obrigatória até o 6.º ano do ensino fundamental.

Em março de 2011, o Brasil foi colocado na 31ª posição entre 44 países num ranking de proficiência (competência) em inglês, por uma

pesquisa divulgada pela empresa de ensino de idiomas Education First, cujos testes foram aplicados a 2,3 milhões de pessoas, através do qual, curiosamente, os BRICS – grupo de países emergentes – também revelaram baixo grau de proficiência entre os seus falantes.

Para a mestre em políticas educacionais pela Universidade Harvard Ana Gabriela Pessoa, dona da EZ Learn, empresa de ensino a distância de inglês,

falta no país, a consciência de que políticas públicas para o ensino de inglês são essenciais e que independentemente da copa e das olimpíadas, inglês é a língua mundial. É difícil se colocar no mercado de maneira competitiva sem dominá-lo.

De acordo com Inês Signorini, coordenadora das disciplinas de língua estrangeira nas graduações da Unicamp, “o problema transcende o aprendizado do idioma. [...] O déficit de falantes em inglês é a ponta do iceberg do problema maior, a qualidade da educação brasileira”. Já a professora do cursinho Anglo Sirlene Aparecida Aarão, doutora em língua inglesa pela PUC de São Paulo afirma que o problema maior é o desinteresse. Para ela, é difícil ter qualidade com docentes mal formados e com escassez ligada ao baixo apelo da carreira para os jovens. E complementa: “Tem poucos interessados em fazer licenciatura em faculdades públicas e particulares estão jogando alunos com formação deficiente no mercado”.

Outro problema apontado no artigo é o fato da lei só definir como obrigatório o ensino de idiomas estrangeiros a partir do 6.º ano do fundamental – época em que os alunos já têm, em média, 11 anos de idade. Para agravar a situação, no ensino médio muitas escolas incluem a alternativa do ensino de espanhol como língua estrangeira, o que, segundo Julio de Angeli, vice-presidente da Education First, faz com que “não se aprenda nada bem.” O resultado é desastroso: muitos alunos optam pelo espanhol por comodismo e pela semelhança com o português e além de não aprenderem bem o idioma escolhido, “deixam o inglês à margem”; o que talvez explique por que, mesmos os jovens, acostumados a navegar nas redes sociais onde o inglês é bastante requisitado, tenham dificuldades com o idioma.

Manoela Costa, gerente da consultoria de recrutamento Page Talent lembra que “o idioma continua sendo um filtro na seleção. Mais do que nunca, quem tem inglês fluente sai na frente”, mas o que vem acontecendo no Brasil é que as vagas destinadas para trainees e estagiários não são preenchidas por falta de candidatos que atendam ao pré-requisito

de fluência em inglês.

E nas universidades, o baixo domínio do inglês prejudica a produção científica brasileira. Leandro Tessler, coordenador de Relações Internacionais da Unicamp afirma, “Não vamos avançar no impacto de nossas pesquisas sem uma comunidade acadêmica fluente em inglês. Pesquisador que não sabe inglês está em desvantagem em relação ao que escreve e lê bem”.

Mas afinal, o ensino nas escolas públicas brasileiras está mesmo em crise? É possível aprender inglês nas escolas da rede pública?

Como professora do curso de letras, recentemente efetivada na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, interessei-me em investigar sobre o que alguns atores envolvidos no ensino de língua inglesa nas escolas públicas nos municípios próximos onde atuo, pensam em relação a esse processo.

Assim, essa pesquisa tem por objetivo, refletir sobre fatos e mitos, a respeito do ensino de inglês nas escolas públicas dos municípios de Jardim, Guia Lopes, Bela Vista e Campo Grande, em MS, a partir das crenças de uma aluna de graduação em letras português-inglês da UEMS, sua professora de formação pedagógica e duas professoras da Secretaria de Educação, uma do estado de Mato Grosso do Sul e outra do município de Campo Grande, para que se possa, em outro momento, ressignificar os seus preconceitos, adequando-os às diversas realidades.

## **2. Fundamentação teórica**

### **2.1. Crenças**

Segundo Ana Maria Ferreira Barcelos (2004, p. 124), a pesquisa sobre crenças na aprendizagem de línguas na linguística aplicada começou “em meados dos anos 80, no exterior, e em meados dos anos 90, no Brasil”. Os primeiros estudos a respeito de crenças de professores de línguas foram apresentados no Congresso da Associação Brasileira de Linguística Aplicada CBLA, em 1998 e ainda hoje, o assunto é alvo de interesse entre linguistas aplicados, professores e outros profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Existem muitas definições para o termo “crenças”. De acordo com Coelho (2005, p. 128), crenças são “teorias implícitas e assumidas com base em opiniões, tradições e costumes, teorias que podem ser questionadas”.

nadas e modificadas pelo efeito de novas experiências”. Complementando, M. Frank Pajares (1992) afirma que as crenças influenciam o modo como as pessoas organizam, definem e executam suas tarefas.

Para José Carlos Paes de Almeida Filho (1993), as crenças são forças capazes de influenciar todo o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. O autor foi um dos primeiros a ligar o termo às concepções e aos mitos sobre a aprendizagem de línguas e depois deles vieram muitos outros.

Denise Rodrigues de Araújo (2004), por exemplo, afirma que as crenças são consideradas uma das grandes forças que atuam na dinâmica da sala de aula e que as ações e decisões dos professores são reflexos de suas crenças a respeito de si próprios, como educadores e de seus alunos, como aprendizes.

## **2.2. Crenças dos professores**

Conforme Maria Helena Vieira-Abrahão (2004), os professores constroem seus conhecimentos e suas práticas de ensino baseados nas próprias crenças, que são reflexos de valores pessoais adquiridos através das lembranças de suas experiências de quando eram alunos.

Corroborando com essa ideia, Karen E. Johnson (1994) afirma que as crenças dos professores advêm das imagens que eles têm da experiência de aprendizagem, das imagens deles mesmos como professores e de seus formadores que servem de modelo para sua prática institucional. Para o autor, levar o professor refletir sobre suas crenças é essencial para a melhoria de suas práticas, na medida em que se tornam mais conscientes sobre elas e sobre as inconsistências de suas práticas.

Marion Williams e Robert L. Burden (1997) e Luciene Maria Garbuió (2005) concordam com a importância dos professores refletirem sobre suas próprias ações para explicitar seus sistemas de crenças, visto que estas irão afetar tudo aquilo que fazem em sala.

Não obstante, de acordo com José Carlos Paes de Almeida Filho (1993, p. 21), para que o professor tenha consciência da sua prática pedagógica, ele “necessita desenvolver uma competência aplicada”, aquela que “capacita o professor a ensinar de acordo com o que sabe conscientemente (subconsciência teórica) permitindo a ele explicar com plausibilidade porque ensina da maneira como ensina e porque obtém os resulta-

dos que obtém”. O professor, portanto, precisa conscientizar-se sobre os seus deveres, a sua capacidade e a importância social do ensino da língua inglesa.

Rosângela Nogueira de Moraes (2005) advoga ser importante que, primeiramente, os professores entendam e articulem suas próprias perspectivas teóricas para que, como educadores, estejam constantemente se reavaliando à luz do seu novo conhecimento ou repensando suas crenças sobre linguagem, sobre como a língua é aprendida, ou sobre educação. Segundo o autor, é importante que os professores participem de cursos e projetos de capacitação, que o levem a refletir acerca de suas crenças e suas práticas de ensino do idioma.

As crenças que os professores possuem orientam suas práticas de sala de aula, influenciando diretamente na forma como o professor gerencia suas atividades com vista a cumprir sua função enquanto educador. De acordo com Tony Wright (2006, p. 69), gerenciar a sala de aula significa organizar, direcionar e controlar a rotina de sala de aula a fim de atingir os objetivos instrucionais e do currículo, ou seja, criar as necessárias condições para que o ensino ocorra. Complementando, o autor (2006, p. 69-70), advoga que “o gerenciamento de sala de aula tem sido mais frequentemente focado em métodos mecânicos do que na visão de sala de aula como um sistema interativo complexo das demandas pessoais, sociais e cognitivas”. Mas, ao contrário, o gerenciamento de sala de aula deve ser visto como a criação de relacionamentos positivos entre o professor e o aluno pelo uso de estratégias que correspondam às expectativas individuais e do grupo pela criação de oportunidades positivas a todos os envolvidos.

Daí a importância de se pesquisar sobre crenças no processo de ensino e aprendizagem de línguas, uma vez que estão relacionadas à compreensão das ações ou do comportamento dos aprendizes ou professores de línguas.

### **3. Metodologia**

Tendo como objetivo refletir sobre fatos e mitos a respeito do ensino de inglês nas escolas públicas nos municípios do estado do Mato Grosso do Sul, mais especificamente, Jardim, Guia Lopes, Bela Vista e Campo Grande, realizei um estudo de caso, de natureza qualitativa, a partir das crenças de uma aluna de graduação em letras português-inglês da

UEMS de Jardim, sua professora de formação pedagógica e duas professoras da Secretaria de Educação, uma do estado de Mato Grosso do Sul e outra do município de Campo Grande.

Segundo João Antônio Telles (2002, p. 108), o estudo de caso é utilizado “quando o professor deseja enfocar um determinado evento pedagógico, componente ou fenômeno relativo à sua prática profissional”. David Numan (1992) complementa, afirmando que a preocupação maior de um estudo de caso está na compreensão e na descrição do processo do que nos seus resultados.

Segundo Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln (2006, p. 2),

a pesquisa qualitativa é multimetodológica em seu foco, envolvendo uma aproximação interpretativa e natural ao assunto da pesquisa. [...] A pesquisa qualitativa envolve a coleta e estudo de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, história de vida, textos visuais, interacionais, históricos e observacionais – que descrevem rotina e momentos problemáticos e significados na vida dos indivíduos (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 2).

Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln (2006, p. 21) situam a pesquisa qualitativa como um conjunto de práticas interpretativas que envolvem:

[...] dentro de sua própria multiplicidade de histórias disciplinares, tensões e contradições constantes em torno do projeto propriamente dito, incluindo seus métodos e as formas que suas descobertas e suas interpretações assumem (DENZIN; LINCOLN 2006, p. 21).

Esta pesquisa se enquadra nas características ressaltadas acima, uma vez que as crenças dos entrevistados foram investigadas em seu contexto natural e interpretadas, sem a preocupação de medir ou quantificar os dados obtidos.

As entrevistas foram filmadas e gravadas individualmente, em setembro e outubro de 2012, onde os entrevistados falaram sobre suas verdades e mitos referentes ao ensino de inglês nas escolas públicas, fazendo comentários, dando suas opiniões. Todos os profissionais registrados encontravam-se diretamente envolvidos no processo.

Minha escolha em fazer a maioria dos registros através de entrevistas deve-se à crença de que essas representam um dos instrumentos de construção de registros importantes nas áreas de ciências humanas e sociais.

Segundo Elliot George Mishler (1986), a entrevista é uma forma

de discurso “regulada e conduzida por normas de apropriação e relevância, que fazem parte das competências compartilhadas por falantes como membros da comunidade”. Para o autor, a entrevista é um diálogo em processo, uma complexa sequência de trocas através das quais o entrevistador e o entrevistado negociam e constroem os significados, o que a torna objeto relevante para o atual estudo.

Assim, as entrevistas feitas ofereceram espaços discursivos onde os professores enunciaram questões relacionadas ao ensino de inglês nas escolas públicas e ao seu cotidiano profissional.

Os participantes das entrevistas foram:

- Uma aluna do quarto ano de letras da UEMS, Unidade de Jardim, que vem fazendo estágio nas escolas públicas da região e no entorno, desde 2011. Teve professor particular de inglês desde criança, morou nos Estados Unidos através de intercâmbio e se formou no curso particular onde, atualmente, ministra aulas de inglês. Domina o idioma perfeitamente.
- Professora X – Possui graduação em letras pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMT, atual UCDB, (1989) especialização em orientação pedagógica à distância pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001) e mestrado em linguística aplicada e estudos da linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Tem experiência na área de letras, com ênfase em língua inglesa, atuando principalmente no seguinte tema: formação de professores, literatura inglesa, literatura norte-americana e aprendizagem de inglês como língua estrangeira na UEMS, unidade de Jardim. Atualmente, é a professora de estágio da aluna entrevistada.
- Professora Y – Atualmente, trabalha na Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (SEMED). Trabalha com educação continuada dos professores de inglês da rede municipal. Está cursando o mestrado em letras, na UEMS unidade Campo Grande.
- Professora Z – Atualmente, trabalha na Secretaria Estadual de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul (SED). Trabalha com pesquisa em ensino da rede estadual. Está cursando o mestrado em letras, na UEMS unidade Campo Grande.

Os filmes e gravações das entrevistas foram transcritos de maneira



simplificada, seguindo a convenção proposta por Van Lier (1988).

#### **4. Análise das entrevistas**

Nesta fase do estudo, busquei cruzar as notícias dos jornais do estado do Mato Grosso do Sul, expostas anteriormente, com as falas da aluna e das professoras entrevistadas, a fim de comparar as crenças da população em geral, e as daquelas que trabalham nas escolas do contexto da pesquisa.

- a. “O ensino nas escolas públicas brasileiras está em crise”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A professora Y, funcionária da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) afirma que o sucesso do ensino depende muito do professor. Para ela, aquele que “acredita no trabalho dele, [...] consegue mostrar o porquê [...] faz, como [...] faz e para quem [...] faz, [...] consegue” fazer um bom trabalho. Segundo a entrevistada,

ele pode não conseguir 100% do objetivo que ele pretende, mas [...] consegue atingir bem próximo disso... agora, aquele professor, que é assim... um pouco mais tradicional... que já tá assim... desestimulado por N fatores, [...] tem uma dificuldade muito maior de desenvolver um bom trabalho em sala de aula e é isso que é um peso ainda... Motivar esse professor, desanimado por N motivos que é o mais difícil.

- b. “Há o desprendimento de diversos professores que, devido a diversos fatores, como péssimas condições de trabalho, não estão preocupados em ensinar”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A professora Y, funcionária do SEMED, afirma que apesar das reclamações em relação às possíveis condições desfavoráveis, há professores que fazem um bom trabalho.

As reclamações são basicamente as mesmas, né? A quantidade de alunos muito grande em sala de aula, o material não adequado, o ambiente não adequado para poder trabalhar a questão da comunicação eh... as reclamações geralmente giram em torno disso... a falta de vontade do aluno aprender, mas o que a gente vê que faz muita diferença é como o professor direciona esse trabalho em sala de aula.

- c. “Há uma disparidade existente entre as escolas públicas e particulares”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A professora X, que trabalha com formação de professores disse

que ao acompanhar os alunos de estágio às escolas de Jardim, Guias Lopes e Bela Vista, ela notou que “os professores tem capacitação direto”. Além disso, podem contar com materiais. Segundo a professora X, “hoje pra vc dar uma aula de língua inglesa, o que vc precisa, desde tecnologia, de sala de informática, de datashow, se precisa de livro, livro paradidático”, o professor pode obter nessas escolas públicas. Na opinião da professora X “as escolas públicas estão muito melhores equipadas nesse sentido, do que as escolas particulares”.

- d. “Estamos vivendo uma verdadeira crise do modelo de ensino atual”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A aluna de letras parece concordar com essa ideia. Ela faz uma crítica ao modelo atual, afirmando que ele parece não ser suficiente para suprir as necessidades dos aprendizes, que são incentivados pelos professores a complementar sua capacitação em outro lugar. Em suas palavras:

eles falam que a gente tem que buscar fora, né? Que a gente tem que fazer cursos de idiomas, né? Ou buscar um professor particular, né, de repente para aprender mais rápido..., mas simplesmente, pelo mesmo o pessoal da nossa sala é um pessoal que trabalha o dia todo, né? Tem já muita dificuldade e não tem condição, né? Já é o perfil mesmo de uma Universidade pública, né? Pessoas que não tem condição de pagar... acontece que o aluno não tem tempo, não tem condições financeiras... ele fica sem saber, né?

- e. “Temos um ensino médio com 14 disciplinas obrigatórias, não se consegue aprofundar tema nenhum e a fragmentação é enorme”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A aluna de letras também concorda com essa máxima. Ao ser perguntada sobre as dificuldades que os professores de inglês das escolas onde estagiava sentiam, ela afirmou:

a carga horária muito reduzida. Não tem como você trabalhar aquelas quatro habilidades da língua... é difícil mesmo porque não dá tempo e tem que ensinar todo aquele conteúdo que o governo manda, né? Não tem como você fugir daquilo... aí ainda tem a indisciplina...

- f. “Há desinteresse por boa parte dos estudantes”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A professora X, que trabalha com formação de professores acredita que “o nível dos alunos está melhorando” Para ela, “é um mito, [...] que precisa ser desconstruído,.. essa questão de ah... aluno não sabe... aluno não quer..[...] Não tá mais assim”.

Segundo observação e relatos dos estagiários dessa professora,

o comportamento dos alunos [...] está proporcionalmente conectado com a ação do professor. Então tem professores que [...], tanto na aula de inglês, como na de português, [...] têm o mesmo comportamento: de respeito de atenção, de realmente, levar em consideração que tem uma pessoa ali que tá querendo trabalhar com eles. E têm outros professores que reclamam: ah, mas a sala X é não sei o quê, mas os nossos alunos daqui de estágio perceberem que não é a sala X... é o professor X ...

Complementando a opinião dos estagiários, a professora X diz que “*Cada um precisa assumir a sua parte de responsabilidade*”.

- g.** “Há uma escassez de professores qualificados”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

Para a professora Z, que trabalha na Secretaria Estadual de Educação (SED), isso é um mito construído pela

imagem que o ensino de línguas da escola pública [...] ensina só o verbo to be. Não existe isso... Eu acho que os professores já se tocaram. É claro que eles ainda precisam fazer ajustes em sala de aula, mas eu creio que a maioria já tenha avançado, já tenha saído disso, entendeu? Dessa zona de conforto.

Para a Professora X, que trabalha com formação de professores, uma forma eficiente de se trabalhar a qualificação do aluno de letras é ajudá-lo a “fazer auto pesquisa sobre a aula dele.” Para a professora, “a responsabilidade de formar o professor” não é só dos “professores de estágio, do professor de didática e do professor das disciplinas pedagógicas.” Na sua opinião, todos os outros professores são “responsáveis por formar o professor”. Em sua opinião,

a Universidade precisa ajudar mais os alunos a aprenderem a pesquisar, fazer pesquisas das próprias salas... a gente tem que parar de consumir a pesquisa pronta... Ah que na USP deu certo, que lá nos EUA... e na universidade não sei da onde, isso daqui resolveu o problema deles, mas nós temos as nossas especificidades de contexto.

- h.** “O nosso ensino é muito ruim”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A aluna de letras tende a acreditar que isso seja um fato. Segundo ela, seus colegas de sala “tavam realmente esperando aprender inglês aqui. Tavam esperando o livro, aquela coisa do curso mesmo... aprender tudo aquilo que nunca aprenderam na escola, né? Eles esperavam e infelizmente, não foi o que aconteceu”.

Para a professora Y, que trabalha no SEMED, “o professor é a mola mestre.” Ela parece acreditar que dizer que o ensino seja um mito. Segundo a professora,

nesse processo de ensino e aprendizagem, considerando uma língua estrangeira, e que muitas vezes, do sexto ao nono ano, eh... a gente costuma falar que é um processo de alfabetização, porque ele já tem contato com essa língua inglesa, só que ele não se deu conta disso, né? Mas então.. o professor reclama... eles reclamam , mas normalmente eles conseguem.

- i. “Apesar de estarmos vivendo um momento econômico favorável, proporcionado pelos investimentos que “inundam nosso mercado de dólares”, pela copa e as olimpíadas, nós, brasileiros só seremos capaz de mudar o nosso status no mundo se soubermos nos comunicar, entendendo e nos fazendo entender, em inglês, realidade que “hoje parece bem distante”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A professora Y, que trabalha no SEMED, acredita que o ensino de inglês deve focar a competência comunicativa. Para ela, a tendência do professor em basear o ensino de inglês na gramática, influencia a aprendizagem, negativamente. Ela afirma que

Muuuuitos professores ainda têm [...]essa concepção gramatical de processo de aprendizagem de línguas... e é uma concepção muito difícil da gente [...] desconstruir. É uma crença difícil da gente desconstruir na parte pedagógica desse professor. Por que ele ainda acredita que pela gramática, o aluno vá conseguir se comunicar, ela vá conseguir falar, ele vá conseguir ... [...]A gramática é importante SIM, só que, antes da gramática, a gente tem que pensar que, quando eu aprendo uma segunda língua, primeiro eu aprendo... por exemplo, quando você pergunta para um aluno... Por que você quer aprender uma segunda língua, seja ela inglesa, seja espanhol ou francês... automaticamente a pessoa diz: porque eu quero falar.... E partindo dessa perspectiva do querer falar é que a gente procura trabalhar com esses alunos. É primeiro pela fala.. a gramática vem como análise e reflexão.. possibilidades que se utiliza para poder escrever e falar também, mas a gente parte pelo princípio da fala, porque ela é a mais importante.

- j. “Falta no país, a consciência de que políticas públicas para o ensino de inglês são essenciais e que independentemente da Copa e das Olimpíadas, inglês é a língua mundial”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

Quanto ao incentivo do governo para a Educação, a professora X diz:

Essa questão de que o governo... Como a gente está discutindo no texto e uma aluna me mandou por e-mail.. os comentários dela sobre o texto.. que o governo tá investindo... e o salário? Essa é uma outra questão que eu vejo... eu não acho que o salário do professor tá tão ruim, quanto há algum tempo atrás. Eu acredito que tenha melhorado. Qual é o meu ponto de vista? É...o professor deveria, com o mesmo salário ter uma carga horária menor para que ele ti-

vesse mais tempo de, realmente... de preparar as suas aulas, de estudar e de ler. [...] não é só aumentar o salário. [...]Então, eu acredito que, por exemplo aqui, a nossa realidade da nossa Universidade, de você ter o seu salário [...]de 40 horas, mas você dá 10 aulas, 12 aulas...[...]deveria acontecer também nos outros níveis de ensino, para que o professor tivesse mais tempo, por exemplo de estar aqui e conversando, Oh... fiz tal coisa que deu certo, ou li tal texto, eu não entendi... sabe, essa questão de de colaboração, pelo menos nessa aérea de língua inglesa.

A professora Y, acredita que o SEMED está fazendo a sua parte. Ela diz:

O processo de formação continuada que a Secretaria vem desenvolvendo, [...] há uns seis, sete anos mais ou menos, todos são voltados para a formação desse professor. A gente teve no ano passado eh... uma ajuda muito grande, porque a língua inglesa entrou com um livro didático consumível nas escolas... e isso quer ou não... não que o livro didático seja uma única ferramenta, mas é uma ferramenta que contribui muito, porque até então, na língua inglesa, não tinham livro... os meninos não utilizavam livro

Para ela, os professores da rede se beneficiam com os cursos oferecidos pela SEMED, em suas palavras;

Os professores, pelo menos os do que têm eu tenho reposta da Secretaria de Educação, eles tiveram curso de pós graduação ... Os que estavam dispostos, os que não tinham curso de pós ainda, puderam optar em fazer. então é uma ajuda muito grande na questão de formação. Além disso, tem a formação continuada, que é aquele que a Secretaria, independente do curso de graduação que eles tenham tido, e eles participam de eventos, fazem publicações de coletâneas de trabalhos que eles desenvolvem... então a Secretaria procura contribuir e eles aproveitam, dentro das possibilidades deles, eles conseguem participar e... seguir em frente.

- k. “É difícil se colocar no mercado de maneira competitiva sem dominar o inglês.” Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

Tanto a aluna de letras, quanto a sua professora de estágio tendem a acreditar que essa afirmação seja um fato. Os alunos de letras, que em breve enfrentarão o mercado, sentem o peso de não dominarem o inglês. Para a primeira,

Além da dificuldade que o professor tem ... pessoal de não ter o domínio total da língua... a gente vê que isso é muito difícil para eles. Muitas vezes eles têm que estudar muuuuito o conteúdo antes, porque ele não tem a plena capacidade na hora de ensinar... a fluência... já partindo daí a gente vê muita dificuldade, mesmo né?” Para a segunda, “A primeira coisa que os alunos do terceiro ano, quando vão pra escola pública, aqueles alunos que nunca deram aula, que não têm experiência nenhuma em sala de aula... a primeira coisa que os choca é ... que eles se dão conta que eles não têm a experiência linguística e...

eles não têm mesmo. Então essa é a primeira barreira que eles detectam... e eles dizem que isso é um problema.

- l.** “O problema transcende o aprendizado do idioma. [...] O déficit de falantes em inglês é a ponta do iceberg do problema maior, a qualidade da educação brasileira”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

Quanto a essa questão, na fala da professora X, parece estar implícito que os alunos saem do ensino médio sem dominar o português plenamente, e sem saber inglês. Em suas palavras: “Mas aí eu pergunto, Por que você quis fazer letras? Porque aí eu aprendo melhor o português e aprendo inglês”.

- m.** “É difícil ter qualidade com docentes mal formados.” Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A aluna de letras acredita que isso seja um fato. Para ela, falta, na Universidade,

em PRIMEIRO LUGAR A FORMAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA EM SI, né? Eu acho que é muito assim... assuntos polêmicos são bastante debatidos, isso contribui para ampliar o olhar a consciência, mas a formação da língua inglesa, assim... têm muitos aqui que tão saindo assim..., sem sair realmente... nada, assim... ehhhh, assim, eu falo nada na língua inglesa, assim, , vii assim um pouco de gramática, e tal, mas a gente vê assim que não sabem...

- n.** “É difícil ter qualidade com escassez ligada ao baixo apelo da carreira para os jovens.” Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A professora X, que trabalha com estagiários diz que quando pergunta aos seus alunos;

Por que você quer ser professor de língua inglesa, ou portuguesa? Muitos dizem ... na verdade eu não quero ser professor de língua inglesa, mas aqui a gente tem que ser professor... tem que fazer os dois... Se tivesse só a opção de língua portuguesa, a grande maioria faria só de língua portuguesa.

- o.** “Há poucos interessados em fazer licenciatura.” Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A professora não acredita que a profissão de professora esteja em baixa. Nas suas palavras: “Eu conversei um dia com uma professora ... passa na frente de uma escola pública e você vai ver o tanto de carro de professor que tem ... O professor não está tendo mais carro popular. Isso é ótimo...”

- p. “As faculdades, públicas e particulares, estão jogando alunos com formação deficiente no mercado”. O que dizem as entrevistadas?

Na visão da aluna, essa afirmação parece fato. Nas suas palavras;

Eu acredito que a faculdade devia ajudar mais os alunos. Eu acredito que primordial seria a capacitação de falar a língua realmente, porque é o que a nossa licenciatura diz, né? Que a gente vai sair habilitados como professores de língua inglesa, portuguesa e literatura... então eu acredito que deveria ter muito mais aula de língua inglesa por semana, de repente, uma aula ou duas todos os dias, porque a gente sabe que é importante, né? Esse exercício diário. Além da parte de metodologia e didática... Eu acho que tem umas matérias que não são tão importantes e poderiam ser trocadas para dar mais enfoque no inglês...

Na visão da professora X, essa afirmação é um mito, gerado, muitas vezes pelo conflito existente entre a expectativa dos alunos de letras em relação ao curso universitário e a realidade. Em sua opinião, os alunos

acreditam que a Universidade vá deixá-los prontinhos para entrar em sala de aula, sabe? A faculdade minimamente fala as possibilidades de atuação profissional e aí cada um vai... né? Ou fazer Iniciação Científica, ou procura um estágio, alguma coisa, , ou vai fazer um estágio não remunerado excedente, que não tenha nada a ver com a faculdade, mas vai ganhando experiência naquela área. Aí eu comento com os alunos, que na nossa área..., eu não sei se é na nossa área ou os nossos alunos daqui, mas eles têm essa coisa de que a Universidade... que eles vão entrar numa maquininha, chamada de primeiro ano de letras e e aí vão passar por uma série de processos e aí vão sair prontos do outro lado... isso não existe... então, vamos dizer assim, uma das minhas preocupações é des-cons-tru-ir essa noção, essa, coisa de que eles acreditam... que a Universidade... que alguém está pronto... não tem... E uma outra coisa, cada um é responsável pelo seu aprendizado.. não tem quem vá chegar e vá dizer... Olha, isso aqui é pra você, se você fizer isso aqui certinho, você vai ser assim no final. Então essa é a preocupação que eu tenho, que eu faço eles refletirem sobre isso, porque essa é uma coisa que eles têm que pensar... Cada um é responsável pela sua vida. Nós estamos aqui, cheios de boas intenções e de condições... então, eu passo muitos textos, bastante leitura, a gente vê exemplos, quando tem evento, eu procuro levá-los, para que eles vejam outras práticas e para que também eles se posicionem.

- q. “O idioma continua sendo um filtro na seleção de emprego. Mais do que nunca, quem tem inglês fluente sai na frente”, mas o que vem acontecendo no Brasil é que as vagas destinadas para *trainees* e estagiários não são preenchidas por falta de candidatos que atendam ao pré-requisito de fluência em inglês. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A aluna de letras tende a acreditar que essa afirmação seja um fato e conta a sua experiência:

Eu aprendi inglês, porque desde pequena o meu pai, sempre manteve professor particular em casa e eu já viajei, o meu pai me deu essa oportunidade de fazer intercâmbio, e ele também já morou fora, já tirou diploma fora então... e eu sempre fiz curso de inglês.. sempre, sempre eu fiz. Nunca parei de fazer... Só que eu não sou como a maioria, eu entrei aqui com outro perfil. Eu já tinha formação, eu já fiz o curso de Pedagogia, essa é a minha segunda faculdade. Hoje eu já estou empregada como professora de inglês.

- r. Nas universidades, o baixo domínio do inglês prejudica a produção científica brasileira. “Não vamos avançar no impacto de nossas pesquisas sem uma comunidade acadêmica fluente em inglês. Pesquisador que não sabe inglês está em desvantagem em relação ao que escreve e lê bem”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

A professora X acredita na autonomia da aprendizagem do aluno. Segundo ela, o aprendiz precisa correr atrás do seu conhecimento, beneficiando-se das facilidades do mundo de hoje. Para ela,

A sociedade está mudando.. os alunos estão mudando.. o professores não é a única fonte de conhecimento, então, pelo contrário, se o professor não andar junto com a tecnologia... com a nova sociedade que tá aí... a gente que vai ficar pra trás. Por que ao invés de perguntar para gente, eles vão correr para internet. Porque eles se viram muito bem... Aliás, essa é uma crença que eu desconstruí... Eu sempre fui... tudo muito sistematizado... Todas as coisas certinhas e tal.. Então eu não conseguia conceber que alguém aprendia inglês sozinho, pra mim não.. você tem que ir para uma escola, ficar vários anos... Você tem que aprender as estruturas... você tem uma série de coisas. Aí, quem me fez desconstruir isso foi minha filha, que aprendeu inglês sozinha, com o uso da Internet.. e ela fala muito bem.. ela só não entende gramática. Aí quando ela estava na escola, ela vinha e me perguntava... mãe.. o que é esse tal de Present Perfect? Então ela não sabia a sistematização, então é isso que os nossos professores têm que saber... eles tem que saber a sistematização, porque eles vão ser professores disso, mas eles também não precisam falar tudo isso para os alunos... Tem que saber para que os nossos alunos vão querer isso? Eles vão precisar saber o que é objeto direto ou indireto, se eles só querem inglês pra se comunicar? Não precisa..., mas os nossos alunos têm que saber, porque eles vão ser professores disso.

- s. Por fim, “é possível aprender inglês nas escolas da rede pública”. Fato ou mito? O que dizem as entrevistadas?

Todas as entrevistadas acreditam que é possível aprender inglês nas escolas da rede pública. A aluna de letras diz que é possível

desde que o professor tenha esse perfil de professor... que ele saiba falar a lín-



gua realmente. [...] Que ele tenha completa capacidade de ensinar... que ele queira e esteja ali para ensinar a língua inglesa e além disso, que ele tenha assim... o desejo, ele saiba e que ele queira realmente fazer aquilo.

A professora X, que trabalha com formação de professores não tem dúvidas de que seja possível,

principalmente, dentro dessa nova... postura, como diz a Ana Paula Duboc, uma nova postura didática, uma nova postura do professor, que tem que ter consciência .. [...]que tem que ter humildade para saber que ele não sabe inglês e que tem que aprender para dar aula. Não tem que fingir que “eu vou chegar lá sabendo”, porque os alunos sabem que vc não sabe... e aí, dentro das suas limitações, tem que correr atrás...[...]Com essa postura, dentro dessas teorias dos letramentos, de usar a língua inglesa, também como uma forma educacional, ou dar aula através de temas, eu vou procurar textos interessantes, sem ter um foco estruturalista... [...]é possível.. E complementa dizendo que “a gente tem projetos nessa área que tem dado certo em escolas públicas daqui do Estado e do Brasil inteiro.

A professora Y, que trabalha no SEMED, diz que

os professores conseguem desenvolver excelentes trabalhos em escolas públicas. Isso vai muito das concepções que os nossos professores têm, porque o nosso professor, o professor de língua inglesa, ou o professor de língua estrangeira dentro da rede pública... o que ele acredita... como que ele... pensa sobre o processo de ensino e aprendizagem... é esse pensamento que direciona a prática pedagógica do professor. E hoje em dia, os professores conseguem sim...

A professora Z, que trabalha no SED, não tem dúvidas quanto a isso, dizendo:

Com certeza é possível que eles deem boas aulas, depende do professor, né? Daquilo que ele trás do conhecimento adquirido na faculdade... no mundo... e com muito esforço também... eu acho que depende muito da força de vontade, porque, às vezes, sim, faltam ferramentas, falta material, mas se faltar o principal, que é a disposição, aí sim fica difícil. Mas eu creio que muitos professores têm tentado, têm se esforçado para as aulas sejam melhores. Eu vejo isso nos curso de formação. Vejo com os professores de língua espanhola, mas eu creio e vejo pelas conversas que eu ouço do [...], e até conversando com o pessoal, que eles têm tentado melhorar e eu creio que daqui há algum tempo nós vamos ter outros resultados, resultados melhores, de um desempenho melhor.

## **5. Considerações finais**

O presente artigo buscou refletir sobre fatos e mitos a respeito do ensino de inglês nas escolas públicas dos municípios de Jardim, Guia Lopes, Bela Vista e Campo Grande, em MS, a partir das crenças de uma

aluna de graduação em letras português-inglês da UEMS, sua professora de Formação Pedagógica e duas professoras da Secretaria de Educação, uma do Estado de Mato Grosso do Sul e outra do Município de Campo Grande.

Como vimos, pesquisas sobre as crenças dos professores de inglês vêm acontecendo há mais de 30 anos. No entanto, ainda há muito sobre o que se investigar e melhorar.

Os cursos de formação universitária encontram-se bastante aquém das expectativas dos alunos de letras, no que diz respeito à capacitação de língua inglesa. Esse é um forte motivo para que esses aprendizes se sintam desmotivados, desestimulados, desassistidos, despreparados e malformados.

Estudos sobre crenças deveriam ser mais incentivados nos cursos universitários de formação de professores de inglês, a fim de proporcionar reflexões, para formar profissionais críticos acerca da sua profissão.

As Universidades deveriam oferecer um curso de uma formação de professores de inglês voltado para a busca de uma aprendizagem significativa, através da qual, professores de inglês e seus aprendizes se tornassem usuários eficientes do idioma.

Vemos a boa intenção das secretarias de educação, tanto municipal, quanto estadual, em, frequentemente, oferecer cursos de capacitação e atualização aos professores da rede, porém, essas deveriam juntar mais esforços para capacitar o professor no que diz respeito ao domínio do idioma que ensina, através de cursos continuados compulsórios, presenciais ou à distância, e/ou convênios com instituições especializadas.

Os professores que tivessem melhores desempenhos deveriam ser premiados com cursos de curta duração no exterior. Isso motivaria o professor e dar-lhes-ia oportunidade de conhecer a cultura de pelo menos um lugar onde a língua que ensinam, é falada.

Quanto mais dominassem o inglês, mais os professores se sentiriam seguros para desenvolverem suas práticas de ensino, baseadas na comunicação e não mais na gramática, que deixaria de ser sua “zona de conforto”.

Assim, diante dos fatos e dos mitos abordados neste artigo, concluímos que ainda há muito a ser refletido, conscientizado e, principal-

mente feito, se quisermos ter um ensino de qualidade nas escolas públicas da região estudada e, mais abrangentemente, do país.

Acredito que alguns dos questionamentos expostos no artigo tenham sido respondidos de acordo com as crenças individuais dos entrevistados, alguns outros ficaram sem respostas.

Espero, ainda, que os resultados deste estudo tenham trazido contribuições aos futuros pesquisadores sobre os fatos e mitos no ensino de língua inglesa, aos professores do idioma e aos acadêmicos de letras com especialização em inglês, através da reflexão sobre como suas crenças podem afetar a atuação em sala de aula.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993 [3. ed. 2002].

ARAÚJO, Denise Rodrigues de. Crenças de professores de inglês de escolas públicas sobre o papel do bom aprendiz: um estudo de caso. Dissertação de mestrado. UFMG, Belo Horizonte, 2004.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

\_\_\_\_\_. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. ALAB – Associação de Linguística Aplicada do Brasil. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, 2007. Belo Horizonte. 2007

COELHO, Hilda Simone Henriques. “É possível aprender inglês em escolas públicas?” Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas. Dissertação (Mestrado Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

*CORREIO do Estado*. <http://www.correiodoestado.com.br/>

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a Prática da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.) *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa*. Teorias e Abordagens. Porto Alegre, Artmed, 2006.

GARBUIO, Luciene Maria. Revelação e origens de crenças da competência implícita de professores de língua inglesa. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.

GIRA Solidário. <http://www.girasolidario.org.br/>

JOHNSON, Karen E. The emerging beliefs and instructional practices of preservice English as second language teachers. *Teaching and Teacher Education*, v. 10, n. 4, p. 439-452, 1994.

MISHLER, Elliot George. *The discourse of medicine: dialects of medical interviews*. Norwood, N.J.: Ablex, 1986

MORAES, Rosângela Nogueira de. A cultura de avaliar de uma professora no processo ensino-aprendizagem de língua estrangeira (inglês): implicações para a formação de professores. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2005.

NUMAN, David. *Research Methods in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

PAJARES, M. Frank. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.

SILVA, Kleber Aparecido da; ROCHA, Cláudia Hilsdorf; SANDEI, Maria de Lourdes da Rocha. A importância do estudo das crenças na formação de professores de línguas. *Contexturas: ensino crítico de inglês*, APLIESP, vol. 8, p. 19-40, 2005.

TELLES, João Antônio. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem e Ensino*, v. 5, n. 2, p. 91-116, 2002.

VAN LIER, Leo. *The classroom and the language learner: ethnography and the second language classroom research*. Londres: Longman, 1988.

VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena. Crenças, pressupostos e conhecimentos de alunos-professores de língua estrangeira e sua formação inicial. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

WILLIAMS, Marion; BURDEN, Robert L. *Psychology for language teachers*. Cambridge University Press, 1997.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

WRIGHT, Tony. Managing classroom life. In: GIEVE, Simon; MILLER, Inés K. (Eds.). *Understanding the language classroom*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

**ANEXO 1:  
CONVENÇÕES PARA A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

...	<b>Pausa</b>
-/	<b>Pausa abrupta</b>
?	<b>Entonação ascendente</b>
((incomp.))	<b>Trecho incompreensível</b>
((...))	<b>Comentário ou ação não verbal</b>
[...]	<b>Trecho omitido</b>

**Adaptado de Van Lier (1988).**

**ANEXO 2: ENTREVISTA COM A ALUNA DE GRADUAÇÃO  
DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS INGLÊS**

Linhas	Participantes	Entrevista
01 02 03	Adriana	Você já dá aula de inglês em curso de língua inglesa e é aluna de letras, do quarto ano, portanto já vem fazendo estágio há algum tempo. Você quer continuar sendo professora de inglês?
04 05	Aluna	Sim, foi por isso que eu entrei para o curso de letras. Eu quero ser professora de inglês, com diploma.
06 07	Adriana	Você acha que é possível ensinar e aprender inglês nas escolas públicas? Dá pra fazer um bom trabalho?
08 09 10 11 12 13	Aluna	Eu acho que é possível, desde que o professor tenha esse perfil de professor... que ele saiba falar a língua realmente, né? Que ele tenha completa capacidade de ensinar... que ele queira e esteja ali para ensinar a língua inglesa e além disso, que ele tenha assim... o desejo, ele saiba e que ele queira realmente fazer aquilo. Acho que partindo desse ponto, eu acho que é possível.
14 15	Adriana	Como aluna de estágio, quais as dificuldades que você via ou ouvia dos professores de inglês das escolas públicas?
16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33	Aluna	Bom, além da dificuldade que o professor tem ... pessoal de não ter o domínio total da língua... a gente vê que isso é muito difícil para eles. Muitas vezes eles têm que estudar muuuuito o conteúdo antes, porque ele não tem a plena capacidade na hora de ensinar... a fluência... já partindo daí a gente vê muita dificuldade, mesmo né? Inclusive professores que foram formados aqui, né? Na própria Universidade... A gente vê como é difícil mesmo. Além disso é a carga horária muito reduzida. Não tem como você trabalhar aquelas quatro habilidades da língua... é difícil mesmo porque não dá tempo e tem que ensinar todo aquele conteúdo que o governo manda, né? Não tem como você fugir daquilo,..... aí ainda tem a indisciplina... As turmas são muito grandes, principalmente no período matutino. O período matutino, eu vejo que é mesmo um desafio para os professores.... Têm turmas, assim, numerosas e a rede estadual tá cada vez maior e a municipal parece que está cada vez mais diminuindo..... o pessoal parece que tá migrando para a estadual. Então é bem difícil mesmo.
34	Adriana	Você acha que os seus colegas e todos os alunos de letras saem

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

35		preparados para darem aulas de inglês?
36	Aluna	Não, eu acho que falta realmente... em PRIMEIRO LUGAR A FORMAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA EM SI, né? Eu acho que é muito assim... assuntos polêmicos são bastante debatidos, isso contribui para ampliar o olhar a consciência, mas a formação da língua Inglesa, assim... têm muitos aqui que tão saindo assim..., sem sair realmente... nada, assim... ehhhh, assim, eu falo nada na língua inglesa, assim, , vii assim um pouco de gramática, e tal, mas a gente vê assim que não sabem...
37		
38		
39		
40		
41		
42		
43		
44	Adriana	E eles tinham a expectativa de aprender inglês na universidade?
45	Aluna	Tinham, vários. A gente tava até comentando agora na sala que eles tavam realmente esperando aprender inglês aqui. Tavam esperando o livro, aquela coisa do curso mesmo... aprender tudo aquilo que nunca aprenderam na escola, né? Eles esperavam e infelizmente, não foi o que aconteceu.
46		
47		
48		
49		
50	Adriana	E o que normalmente os professores falam sobre esse assunto?
51	Aluna	Eles falam que a gente tem que buscar fora, né? Que a gente tem que fazer cursos de idiomas, né? Ou buscar um professor particular, né, de repente para aprender mais rápido..., mas simplesmente, pelo mesmo o pessoal da nossa sala é um pessoal que trabalha o dia todo, né? Tem já muita dificuldade e não tem condição, né? Já é o perfil mesmo de uma Universidade pública, né? Pessoas que não tem condição de pagar... acontece que o aluno não tem tempo, não tem condições financeiras... ele fica sem saber, né? Por exemplo, eu aprendi inglês, porque desde pequena o meu pai, sempre manteve professor particular em casa e eu já viajei, o meu pai me deu essa oportunidade de fazer intercâmbio, e ele também já morou fora, já tirou diploma fora então... e eu sempre fiz curso de inglês.. sempre, sempre eu fiz. Nunca parei de fazer... Só que eu não sou como a maioria, eu entrei aqui com outro perfil. Eu já tinha formação, eu já fiz o curso de Pedagogia, essa é a minha segunda faculdade. Hoje eu já estou empregada como professora de inglês. Então eu acredito que a faculdade devia ajudar mais os alunos. Eu acredito que primordial seria a capacitação de falar a língua realmente, porque é o que a nossa Licenciatura diz, né? Que a gente vai sair habilitados como professores de língua inglesa, portuguesa e literatura... então eu acredito que deveria ter muito mais aula de língua inglesa por semana, de repente, uma aula ou duas todos os dias, porque a gente sabe que é importante, né? Esse exercício diário. Além da parte de metodologia e didática... Eu acho que tem umas matérias que não são tão importantes e poderiam ser trocadas para dar mais enfoque no inglês..
52		
53		
54		
55		
56		
57		
58		
59		
60		
61		
62		
63		
64		
65		
66		
67		
68		
69		
70		
71		
72		
73		
74		
75		
76		
77		
78	Adriana	Obrigada

**ANEXO 3: ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE GRADUAÇÃO  
DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS INGLÊS, IDENTIFICADA COMO X,  
ORIENTADORA DA ALUNA ENTREVISTADA**

Linhas	Participantes	Entrevista
01 02 03	Adriana	Você como uma professora experiente em Formação de Professores de inglês poderia nos falar sobre, quais são as verdades e os mitos das aulas de inglês nas escolas públicas?
04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46	Professora X	A primeira coisa que os alunos do terceiro ano, quando vão pra escola pública, aqueles alunos que nunca deram aula, que não têm experiência nenhuma em sala de aula... a primeira coisa que os choca é ... que eles se dão conta que eles não têm a experiência linguística e... eles não têm mesmo. Então essa é a primeira barreira que eles detectam... e eles dizem que isso é um problema e que eles... esperam... Por que eles fizeram fazer letras? Essa é a primeira coisa que eu pergunto... Por que você quer ser professor de língua inglesa, ou portuguesa? Muitos dizem ... na verdade eu não quero ser professor de língua inglesa, mas aqui a gente tem que ser professor... tem que fazer os dois... Se tivesse só uma opção de língua portuguesa, a grande maioria faria só de língua portuguesa. Mas aí eu pergunto, Por que você quis fazer letras? Porque aí eu aprendo melhor o português e aprendo inglês. Essa é a primeira coisa que bate na cara... é o fato de que realmente, eles precisam saber porque os alunos já saberm... aí eles se sentem eh... checados a todo momento. Uma outra questão que eu vejo na área da formação em si, é a questão que os alunos têm eh... a crença, eu vou usar essa palavra, não é só por causa do seu artigo, mas é porque é isso mesmo...Eles acreditam que a Universidade vá deixá-los prontinhos para entrar em sala de aula, sabe? Então, eu sempre comento com eles... Isso é uma coisa... justamente, por eu gostar dessa coisa de formação, eu sempre perguntei para outros profissionais. Por exemplo, eu perguntei para a minha irmã que é especialista em canal... aí ela falou... não... isso aí a gente não aprende na faculdade. A gente tem que correr para estudar depois. Na faculdade, eu fiz canal dos dentes mais simplesinhos, com uma raiz e tal.. e assim, foi um que a gente fez... um que a gente viu fazer... um que a gente fez em grupo... agora, a minha especialidade, eu tive que fazer na pós graduação. Eu perguntei sobre a Medicina Veterinária... é a mesma coisa... se eu quiser trabalhar com grandes..., eu quero fazer reprodução de grandes animais, fazer inseminação, eu tenho que fazer por fora. A faculdade minimamente fala as possibilidades de atuação profissional e aí cada um vai... né? Ou fazer Iniciação Científica, ou procura um estágio, alguma coisa., ou vai fazer um estágio não remunerado excedente, que não tenha nada a ver com a faculdade, mas vai ganhando experiência naquela área. Aí eu comento com os alunos, que na nossa área..., eu não sei se é na nossa área ou os nossos alunos daqui, mas eles têm essa coisa de que a Universidade... que eles vão entrar numa maquininha, chamada de primeiro ano de letras e e aí vão passar por uma série de processos e aí vão sair prontos do outro lado... isso não existe... en-



47		tão, vamos dizer assim, uma das minhas preocupações é des-
48		cons-tru-ir essa noção, essa, coisa de que eles acreditam... que a
49		Universidade... que alguém está pronto... não tem... E uma outra
50		coisa, cada um é responsável pelo seu aprendizado.. não tem
51		quem vá chegar e vá dizer... Olha, isso aqui é pra você, se você
52		fizer isso aqui certinho, você vai ser assim no final. Então essa é
53		a preocupação que eu tenho, que eu faço eles refletirem sobre is-
54		so, porque essa é uma coisa que eles têm que pensar... Cada um é
55		responsável pela sua vida. Nós estamos aqui, cheios de boas in-
56		tenções e de condições... então, eu passo muitos textos, bastante
57		leitura, a gente vê exemplos, quando tem evento, eu procuro le-
58		vá-los, para que eles vejam outras práticas e para que também
59		eles se posicionem... Então... Qual é o meu estilo? O meu estilo é
60		mostrar... Olhem.. como foi a evolução da sistematização do en-
61		sino de língua inglesa? Foi assim, assim, assim, por causa disso,
62		disso, disso, a gente, lê, discute... E depois? Ah aconteceu isso,
63		por causa da abordagem tal, e ai depois quando eles voltam dos
64		estágios, eles dizem.. Olha professora, lá na escola, eu vi um
65		pouco disso, que era lá dos anos de 18... e alguma coisa, mas
66		também tem um pouco disso daqui... que é da abordagem X,
67		mas é isso mesmo... não tem uma teoria pronta... a gente não sai
68		... tem que fazer drills? Tem que fazer em algum momento...
69		Tem que aprender a gramática? Tem que aprender a gramática... ,
70		tem que aprender por situações, ou aprender inglês a partir do
71		texto literário? Tem... mas não é só isso... o que não pode a gente
72		se pegar em uma abordagem ou em uma metodologia e achar que
73		aquilo vai dar conta.. porque a sociedade está mudando.. os alu-
74		nos estão mudando.. o professores não é a única fonte de conhe-
75		cimento, então, pelo contrário, se o professor não andar junto
76		com a tecnologia... com a nova sociedade que tá aí... a gente que
77		vai ficar pra trás. Por que ao invés de perguntar para gente, eles
78		vão correr para internet. Porque eles se viram muito bem... Aliás,
79		essa é uma crença que eu desconstruí... Eu sempre fui... tudo
80		muito sistematizado... Todas as coisas certinhas e tal.. Então eu
81		não conseguia conceber que alguém aprendia inglês sozinho, pra
82		mim não.. você tem que ir para uma escola, ficar vários anos...
83		Você tem que aprender as estruturas... você tem uma série de co-
84		sias. Aí, quem me fez desconstruir isso foi minha filha, que
85		aprendeu inglês sozinha, com o uso da Internet.. e ela fala muito
86		bem.. ela só não entende gramática. Aí quando ela estava na es-
87		cola, ela vinha e me perguntava... mãe.. o que é esse tal de <i>Pre-</i>
88		<i>sent Perfect</i> ? Então ela não sabia a sistematização, então é isso
89		que os nossos professores têm que saber... eles tem que saber a
90		sistematização, porque eles vão ser professores disso, mas eles
91		também não precisam falar tudo isso para os alunos. Tem que
92		saber para que os nossos alunos vão querer isso. Eles vão preci-
93		sar saber o que é objeto direto ou indireto? se eles só querem in-
94		glês pra se comunicar? Não precisa..., mas os nossos alunos tem
95		que saber, porque eles vão ser professores disso.
96		
97		

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

98		
99	Adriana	Você acha que é possível ter uma boa aula de inglês em uma escola pública?
100		
101	Professora	Ah... sem dúvida, eu acredito que seja possível. Eu acredito muito...
102	X	principalmente, dentro dessa nova.. postura, como diz a Ana Paula Duboc, uma nova postura didática, uma nova postura do professor, que tem que ter consciência.. primeira coisa eu acho...., tem que ter humildade para saber que ele não sabe inglês e que tem aprender para dar aula. Não tem que fingir que “eu vou chegar lá sabendo”, porque os alunos sabem que vc não sabe... e aí, dentro das suas limitações, tem que correr atrás.., mas eu acredito sim, que com essa postura, dentro dessas teorias dos letramentos, de usar a língua inglesa, também como uma forma educacional, ou dar aula através de temas, eu vou procurar textos interessantes, mas eu não vou ter um foco estruturalista... eu tenho certeza que é possível.. E a gente tem projetos nessa área que tem dado certo em escolas públicas daqui do Estado e do Brasil inteiro.
103		
104		
105		
106		
107		
108		
109		
120		
121		
122		
123		
124		
125		
126	Adriana	Tá bom, obrigada.
127		Professora, o que nós estávamos falando no intervalo, bate com que eu ouvi de um funcionário da secretaria de Educação do Estado do MS.. Dizendo que quando os professores entram na rede, eles acabam reclamando muito, dizendo.. ah eu não consigo, nós não temos, é impossível fazer esse trabalho e a secretaria oferece oficinas, cursos de atualização e eles não comparecem. Não é compulsório, é opcional e ficam aqueles cursos oferecidos sem procura..
128		
129		
130		
131		
132		
133		
134		
135	Professora	Isso é uma grande verdade eh... eu que acompanho os nossos alunos aqui nos estágios, então eu vou sempre às escolas, praticamente em todas as escolas,... todas as escolas que oferecem inglês de Jardim, Guias Lopes e Bela Vista e isso é uma realidade. Os professores tem capacitação direto, os materiais ... hoje pra vc dar uma aula de língua inglesa, o que vc precisa, desde tecnologia, de sala de informática, de datashow, se precisa de livro, livro paradidático, ... as escolas públicas estão muito melhores equipadas nesse sentido, do que as escolas particulares. E o nível dos alunos está melhorando também. É um mito, eu acredito, que precisa ser desconstruído..., essa questão de ah... aluno não sabe... aluno não quer.. entendeu? Não tá mais assim. Uma coisa que a gente conversou no começo desse ano no estágio, é que eu pedi para eles observarem o comportamento dos alunos e eles falaram que o comportamento do aluno está proporcionalmente conectado com a ação do professor. Então tem professores que eles observaram, tanto na aula de inglês, como na de português, eles acompanharam o professor em mais de uma sala. O professor, em todas as salas que ele vai, os alunos tem o mesmo comportamento: de respeito de atenção, de realmente, levar em consideração que tem uma pessoa ali que tá querendo trabalhar com eles e tem outros professores que reclamam: ah mas a sala X é não sei o que, mas os nossos alunos daqui de estágio perceberem
136	X	
137		
138		
139		
140		
141		
142		
143		
144		
145		
146		
147		
148		
149		
150		
151		
152		
153		
154		
155		
156		
157		

158		<p>que não é a sala X, é o professor X ... sabe, então, a gente precisa colocar um pouco de responsabilidade em quem tá lá na sala de aula Cada um precisa assumir a sua parte de responsabilidade Essa questão de que o governo ... Como a gente está discutindo no texto e uma aluna me mandou por e-mail.. os comentários de-la sobre o texto.. que o governo tá investindo... e o salário? Essa é uma outra questão que eu vejo... eu não acho que o salário do professor tá tão ruim, quanto há algum tempo atrás. Eu acredito que tenha melhorado. Qual é o meu ponto de vista? É...o professor deveria, com o mesmo salário ter uma carga horária menor para que ele tivesse mais tempo de, realmente... de preparar as suas aulas, de estudar e de ler. Isso é uma coisa que.. não é só aumentar o salário, porque eh... a grande maioria das pessoas... se vc ganha R\$ 2.000,00, vc gasta R\$ 2.000,00. Se você ganha R\$ 15.000,00, você gasta R\$ 15.000,00, então, quanto maior o salário... a pessoa não ... ninguém vai querer ganhar menos,... então eles vão continuar querendo dar aquele monte de aula para ganhar mais e aí .. a culpa vai ser sempre do outro. Então, eu acredito que, por exemplo aqui, a nossa realidade da nossa Universidade, de você ter o seu salário e você dar aula de 40 horas, mas você dá 10 aulas, 12 aulas... É essa a minha postura.... que deveria acontecer também nos outros níveis de ensino, para que o professor tivesse mais tempo, por exemplo de estar aqui e conversando, Oh... fiz tal coisa que deu certo, ou li tal texto, eu não entendi... sabe, essa questão de de colaboração, pelo menos nessa aérea de língua inglesa. Aqui no Estado.. eu acredito que tem uma união entre os professores de língua inglesa... É claro que tem um ou outro que...., mas são posturas pessoais e pontuais. Mas o que vejo é isso... Eu conversei um dia com uma professora ... passa na frente de uma escola pública e você vai ver o tanto de carro de professor que tem ... O professor não está tendo mais carro popular. Isso é ótimo... A gente não tem que falar... ah tô satisfeita, mas também não acho que você tem que falar... Olha..., agora aonde que está sendo o meu ponto fraco pra melhorar e não falar sempre que a culpa é do outro, que a culpa é do governo, a culpa é da direção, a culpa é do professor que deu aula no ano passado.. Não! Eu acho que cada um tem que olhar pra si e vê que é ele que tem que correr atrás do que ele tem</p>
159		
160		
161		
162		
163		
164		
165		
166		
167		
168		
169		
170		
171		
172		
173		
174		
175		
176		
177		
178		
179		
180		
181		
182		
183		
184		
185		
186		
187		
188		
189		
190		
191		
192		
193		
194		
195		
196		
197		
198		
199	Adriana	Ele precisa ser um bom profissional né, então tem que ser responsável por isso, né?
200		
201	Professora	<p>Sim, eu concordo.. agora você falando, eu lembrei que talvez, uma das falhas da Universidade esteja na na de como é que a gente vai abordar a questão do professor fazer auto pesquisa sobre a aula dele. Isso é uma coisa que eu tô vendo que a gente e tem muito pouco. A primeira coisa é que em relação à formação do professor, os meus colegas de universidade, aqui me parecem que eles têm um pensamento de que quem tem a responsabilidade</p>
202	X	
203		
204		
205		
206		
207		

208		de de formar o professor sejam os professores de estágio, o professor de didática e o professor das disciplinas pedagógicas. E não é isso., eu acredito, que todos somos responsáveis por formar o professor e isso é uma coisa muito importante para tá na mão de dois professores e uma falha que eu tô vendo agora é essa, que a Universidade precisa ajudar mais os alunos a aprenderem a pesquisar, fazer pesquisas das próprias salas...a gente tem que parar de consumir a pesquisa pronta... Ah que na USP deu certo, que lá nos EUA... e na Universidade não sei da onde, isso daqui resolveu o problema deles, mas nós temos as nossas especificidades de contexto.
209		
210		
211		
212		
213		
214		
215		
216		
217		
218		
219	Adriana	É muito bom... Obrigada

**ANEXO 4: ENTREVISTA COM A PROFESSORA  
DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE, MS,  
IDENTIFICADA COMO Y**

Linhas	Participantes	Entrevista
01	Adriana	Quais são os mitos e as verdades do ensino de inglês nas escolas públicas? Afinal, é possível ensinar inglês na rede pública e fazer um bom trabalho? É possível aprender inglês com aluno de escola pública?
02		
03		
04		
05	Professora Y	Sim, acredito que sim... os professores conseguem desenvolver excelentes trabalhos em escolas públicas. Isso vai muito das concepções que os nossos professores têm. Porque o nosso professor, o professor de língua inglesa, ou o professor de língua estrangeira dentro da rede pública... o que ele acredita... como que ele... pensa sobre o processo de ensino e aprendizagem... é esse pensamento que direciona a prática pedagógica do professor. E hoje em dia, os professores conseguem sim..
06		
07		
08		
09		
10		
11		
12		
13		
14	Adriana	Quais são as dificuldades que os professores sentem... quais são os principais desafios que eles têm que enfrentar? Sobre o que vêm se queixando...?
15		
16		
17	Professora Y	Eh... é muito diferente.. os professores... digamos assim, que são mais novatos, eles têm uma bagagem diferente. Eles vêm com uma formação um pouco diferente do de dessa outra geração que é por causa da formação inicial que eles tiveram. Muitas vezes eles contribuem muito, para aquele professor que já tem uma certa experiência, mas que não tem a bagagem que esse professor novato tem. As reclamações são basicamente as mesmas, né? A quantidade de alunos muito grande em sala de aula, o material não adequado, o ambiente não adequado para poder trabalhar a questão da comunicação eh... as reclamações geralmente giram em torno disso... a falta de vontade do aluno aprender, mas o que a gente vê que faz muita diferença é como o professor direciona esse trabalho em sala de aula. Eu acredito que o professor seja a mola mestre. Nesse processo de ensino e aprendizagem, considerando uma língua estrangeira, e que muitas vezes, do sexto ao nono ano, eh... a gente costuma falar que é um processo de alfabetização, porque ele já tem contato com essa língua inglesa, só
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		
28		
29		
30		
31		
32		
33		

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

34		que ele não se deu conta disso, né? Mas então .. o professor reclama... eles reclamam , mas normalmente eles conseguem.
35		
36		
37	Adriana	Basicamente, o que está dizendo é que o professor que acredita, consegue fazer um bom trabalho, é isso? E o professor que já chega derrota e diz assim... Impossível! Esse daí já está fadado ah ter insucesso
38		
39		
40		
41	Professor Y	O professor que acredita no trabalho dele e ele consegue mostrar o porquê ele faz, como é que ele faz e para quem ele faz, ele consegue. Ele pode não conseguir 100% do objetivo que ele pretende, mas ele consegue atingir bem próximo disso, agora, aquele professor, que é assim... um pouco mais tradicional.. que já tá assim... desestimulado por N fatores, ele tem uma dificuldade muito maior de desenvolver um bom trabalho em sala de aula e é isso que é um peso ainda... motivar esse professor , desanimado por N motivos que é o mais difícil, né?
42		
43		
44		
45		
46		
47		
48		
49		
50	Adriana	Antes da entrevista, nós conversávamos sobre as expectativas do ensino de inglês na rede pública e assim.. essa tendência do professor em basear o ensino de inglês na gramática. Você acha que isso influencia de alguma forma no ensino e na aprendizagem?
51		
52		
53		
54		
55	Professor Y	Sim. Influencia negativamente. Muuuuitos professores ainda têm , digamos assim, essa concepção gramatical de processo de aprendizagem de línguas... e é uma concepção muito difícil da gente assim.. desconstruir.. é uma crença difícil da gente desconstruir na parte pedagógica desse professor. Por que ele ainda acredita que pela gramática, o aluno vá conseguir se comunicar, ela vá conseguir falar, ele vá conseguir ... é que nem o que a gente coloca como competência comunicativa..., né? E a gramática é importante SIM, só que, antes da gramática, a gente tem que pensar que, quando eu aprendo uma segunda língua, primeiro eu aprendo... por exemplo, quando você pergunta para um aluno... Por que você quer aprender uma segunda língua, seja ela inglesa, seja espanhol ou francês.. automaticamente a pessoa diz.. Porque eu quero falar.... E partindo dessa perspectiva do querer falar é que a gente procura trabalhar com esses alunos. É a primeira pela fala.. a gramática vem como análise e reflexão.. possibilidades que se utiliza para poder escrever e falar também, mas a gente parte pelo princípio da fala, porque ela é a mais importante.
56		
57		
58		
59		
60		
61		
62		
63		
64		
65		
66		
67		
68		
69		
70		
71		
72		
73		
74	Adriana	Por fim, você acha que a Secretaria Municipal de Educação tem contribuído e colaborado para o desenvolvimento do professor e indiretamente para o aprendizado do aluno?
75		
76		
77	Professor Y	Com certeza! O processo de formação continuada que a Secretaria vem desenvolvendo, digamos há uns seis, sete anos mais ou menos, todos são voltados para a formação desse professor. A gente teve no ano passado eh... uma ajuda muito grande, porque a língua inglesa entrou com um livro didático consumível nas escolas.. e isso quer ou não.. não que o livro didático seja uma única ferramenta, mas é uma ferramenta que contribui muito, porque
78		
79		
80		
81		
82		
83		

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

84		até então, na língua inglesa, não tinham livro... os meninos não
85		utilizavam livro. E agora os meninos têm um livro e ele é con-
86		sumível., quer dizer que todo ano as escolas vão tá recebendo esse
87		livro. Não é um livro ideal, porque não existe um livro ideal,
88		mas o livro é um apoio que o professor tem em sala de aula. E a
89		Secretaria contribui, com certeza pra isso.
90		
91	Adriana	E os professores estão sempre disponíveis e sempre aproveitando
92		dos benefícios do que são oferecidos a eles?
93	Professor Y	Sim. Os professores, pelo menos os do que têm eu tenho reposta
94		da Secretaria de Educação, eles tiveram curso de pós graduação
95		... Os que estavam dispostos, os que não tinham curso de pós
96		ainda, puderam optar em fazer.. então é uma ajuda muito grande
97		na questão de formação. Além disso, tem a formação continuada,
98		que é aquele que a Secretaria, independente do curso de gradua-
99		ção que eles tenham tido, e eles participam de eventos, fazem
100		publicações de coletâneas de trabalhos que eles desenvolvem...
101		então a Secretaria procura contribuir e eles aproveitam, dentro
102		das possibilidades deles, eles conseguem participar e... seguir em
103		frente.
104	Adriana	Muito obrigada.

**ANEXO 5: ENTREVISTA COM A PROFESSORA  
DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL,  
IDENTIFICADA COMO Z**

Linhas	Participantes	Entrevista
01 02 03	Adriana	Você acha que é possível dar uma boa aula de inglês nas escolas públicas?
04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16	Professora Z	Com certeza é possível que eles deem boas aulas, depende do professor, né? Daquilo que ele trás do conhecimento adquirido na faculdade. no mundo... e com muito esforço também... eu acho que depende muito da força de vontade, porque, às vezes, sim, faltam ferramentas, falta material, mas se faltar o principal, que é a disposição, aí sim fica difícil. Mas eu creio que muitos professores têm tentado, têm se esforçado para as aulas sejam melhores. Eu vejo isso nos curso de formação. Vejo com os professores de língua espanhola, mas eu creio e vejo pelas conversas que eu ouço do [...], e até conversando com o pessoal, que eles têm tentado melhorar e eu creio que daqui há algum tempo nós vamos ter outros resultados, resultados melhores, de um desempenho melhor.
17 18	Adriana	Se eu tivesse que falar sobre alguns muitos e verdades, quais seriam eles?
19 20 21 22 23 24	Professora Z	Acho que é aquela coisa do verbo to be... Vamos sair um pouco dessa imagem que o ensino de línguas da escola pública ele ensina só o verbo to be. Não existe isso.. Eu acho que os professores já se tocaram.. é claro que eles ainda precisam fazer ajustes em sala de aula, mas eu creio que a maioria já tenha avançado, já tenha saído disso, entendeu? Dessa zona de conforto.
26	Adriana	Tá bom, muito obrigada